

N.º 33 – JANEIRO / JUNHO 2019

MAIS
TMJB
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

FENDA
O FEIO
LIGNE DE CRÊTE

À ESPERA
DE BECKETT
OU QUARUA
QUARUA

INFINITA
ALINE

UMA NOITE
LINDOS NO
DIAS! futuro

FRAZÃO

MANEL CRUZ

EM BUSCA
DO PLANALTO

PERDIDO O FANTASMA

ROMANCE
DA RAPOSA

PELOS CABELOS DAS MELANCIAS

DONA RAPOSA O MANDARIM

E OUTROS ANIMAIS O BARBEIRO
DE SEVILHA

O AUTOMATO

OS GATOS

VERDI QUE TE
QUERO VERDI



TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM
BENITE

1. A Companhia de Teatro de Almada é a única companhia independente do País instalada num teatro municipal que apresenta uma programação anual. Quando se elogia a excepcional corrente de público existente em Almada, a explicação para esse fenómeno passa em grande medida por aí – e pela actividade ininterrupta desta Companhia, nesta Cidade, desde há 40 anos. Cremos portanto que chegou o momento de os decisores políticos elencarem os projectos culturais estruturantes para o País, e de assumirem que a CTA constitui indubitavelmente um dos casos nos quais o investimento público é mais devido. Deve ter-se em conta que actualmente a subvenção do Ministério da Cultura à nossa actividade recuou para montantes inferiores aos que se verificavam em 1997 – há 22 anos atrás.

2. O impacto da nossa actividade – que inclui a organização do Festival de Almada – tem manifestamente um eco internacional, consubstanciando-se na formação de espectadores informados, exigentes e militantes. O contacto que esses espectadores têm tido com alguns dos mais destacados criadores do Mundo é o lastro que tem permitido consolidar o nosso projecto. Na programação anual que agora apresentamos, as quatro criações e as dez reposições de espectáculos da CTA voltam a constituir o eixo em que assenta um leque diversificado de produções de teatro, dança, música e artes plásticas: no total são 52 espectáculos, distribuídos por 197 sessões, que traçam um panorama alargado das várias disciplinas e correntes estéticas das artes de palco.

3. Em 2018, quando a meio do ano fomos confrontados com a inusitada redução da subvenção estatal às actividades de criação e programação que já anunciáramos, a realização do Festival de Almada ficou em risco, valendo-nos na altura um financiamento extraordinário por parte da Câmara Municipal de Almada. Só que este ano a situação de carência mantém-se. Acreditamos que o Ministério da Cultura aplicará os mecanismos já existentes, e que reconhecerá o Festival de Almada como um dos projectos estruturantes da cultura portuguesa, reforçando o seu financiamento. Às iniciativas excepcionais é devido o tratamento de excepção: como tal, é legítimo crermos que o Estado não vai deixar de assumir a sua responsabilidade na realização do maior Festival de teatro em Portugal.

Companhia de Teatro de Almada

N.º 33 | JANEIRO / JUNHO 2019



Colaboraram nesta edição António Guerreiro, Eugénia Vasques, Gonçalo Frota, Rodrigo Francisco e Sarah Adamopoulos (textos); Gonçalo Marto (design e paginação); João Gaspar (lettering desenhado); Ana Patrícia Santos e Miguel Martins (apoio à produção editorial). Impressão: Grafedisport, impressão e artes gráficas, SA. Propriedade, distribuição e publicidade: CTA, CRL.

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada



ZÉ MANEL TAXISTA e a globalização

Estamos no ano 2019. Todo o Globo está ocupado pelas multinacionais do trabalho remoto... Todo? Não! Num pequeno país ao Sul da Europa, um pequeno táxi, conduzido por um irreductível benfiquista, resiste, agora e sempre, ao invasor. Imperdível, na Sala Principal de 15 a 17 de Fevereiro.



© Paulo Sabino

«A Maria tinha surgido como actriz de televisão praticamente ao mesmo tempo que as Produções Fictícias surgiram como equipa de guionistas. Lembro-me de a termos escolhido, a Ana Bola e eu, para o elenco daquela que foi a sua primeira comédia televisiva: *Os Bonecos da Bola*. Depois o Herman convidou-a para integrar o elenco do *Herman Enciclopédia* e a partir daí nasceu uma cumplicidade criativa com ele – e comigo e com as Produções Fictícias, que se multiplicou em inúmeros programas e que dura até hoje.

Não há nada melhor para um autor ou actor de comédia do que criar um personagem que se torne popular e que inscreva a sua marca na cultura popular do seu tempo. De todos aqueles personagens a que estive de alguma forma associado, como autor, director criativo ou produtor, não há nenhum que tenha uma popularidade mais duradoura do que o Zé Manel, que se foi multiplicando em aparições televisivas, radiofónicas, e agora teatrais.

É uma alegria para mim ver o Zé Manel de novo recriado por uma nova equipa de velhos amigos e parceiros de trabalho, aqui reunidos para este espectáculo. E, sobretudo, ver o entusiasmo e o profissionalismo da Maria, não simplesmente a fazer mais um boneco humorístico, mas a dar vida, literalmente, ao vibrante Zé Manel, com o talento, a energia e a vitalidade da primeira vez. Faz 20 anos e continua o mais popu-

lar dos taxistas portugueses. Em tempo de *boom* turístico e “uberização”, sempre com o “benfiquismo” no coração, o Zé Manel está aí para as curvas.»

Nuno Artur Silva, fundador e director das Produções Fictícias, casa de guionismo televisivo em cujo pátio nasceu Zé Manel, pela mão de Nuno Markl, João Quadros, Miguel Góis e Ricardo Araújo Pereira

«A comédia é uma coisa muito séria. Parece tudo tão divertido e despreocupado, mas o trabalho é tão técnico, intenso e meticuloso, que só com muito rigor e seriedade se consegue levar o riso ao palco, e, mais importante, a gargalhada à plateia. Sobretudo no caso de uma comédia como esta, que tem a responsabilidade de reflectir sobre a actualidade e de amplificar pela sátira o que se passa agora à nossa volta.

Colocar um personagem histórico e tipicamente lisboeta como Zé Manel em confronto com uma cidade em mudança, e fazê-lo transportar no seu táxi, quase cavalo de batalha, tamanha transformação de um país, não podia ser tarefa fácil. Mas a verdade é que esta tarefa foi mais facilitada logo à partida pelo trabalho e cumplicidade com Maria Rueff. Pela maneira que temos em comum de abordar a comédia, pelo sentido de humor semelhante, por nos rirmos, com gosto, das mesmas coisas.» **António Pires**, encenador

Samuel Beckett, nascido em Dublin, Irlanda, em 1906, depois de um relativo prestígio no meio intelectual europeu dos anos 50-60, só viria a ser considerado um inovador da linguagem dramática a partir de finais dos anos 70. Era, até aí, visto como *persona non grata* e votado a um certo ostracismo ideológico pelos brechtianos mais ortodoxos por ser um «autor pessimista» e um «individualista metafísico», o que explica, em parte, o tardio aparecimento das suas peças na maior parte dos palcos. O seu experimentalismo literário e cénico, na senda do vanguardismo modernista, constitui, logo a seguir a Gertrude Stein (EUA, 1874-1946), a expressão mais extremada da pesquisa sobre os limites do teatro “dramático” tal como era conhecido.

Como poderão constatar neste Ciclo Beckett, as personagens beckettianas são senis, afásicas ou decrépitas, e o texto das suas falas é frequentemente interrompido, gaguejado, sibilado, substituído por onomatopeias, isto é, por imitação de sons, por respirações difíceis ou por silêncios e pausas. O gosto de Beckett por uma cena teatral esvaziada de cenários, a desarticulação entre o gesto e a palavra dos actores e entre o corpo e a voz – frequentemente atabalhoada ou interrompida pela tecnologia (como o gravador em Krapp) –, a representação da Humanidade como um feixe de pobres dejectos, cruéis e sós, são alguns dos aspectos do seu teatro dito, teimosamente, “teatro do absurdo” (impondo como definitiva uma *boutade*, uma tirada de Martin Esslin de 1961).

Com base nestes e noutros pressupostos, Beckett, o “estrangeiro” (o autor viveu, entre outros países, em França, por largos anos, onde escreveu e lutou, recebendo a Cruz de Guerra e a Medalha da Resistência, na II Guerra Mundial), um céptico que não sabia resistir à *blague* e à ironia de orgulhoso irlandês desenraizado, levou às últimas consequências dramáticas o «assassinato da língua» – ele que se dividia entre a criação em inglês e em francês – e o desmembramento da representação teatral. No seu teatro, todos os elementos da convenção aristotélica (personagens, tempo, lugar) são separados, analisados, exagerados, apagados com a minúcia de um escalpelizador.

O século XX deve, pois, à escrita radical de Beckett a promoção de uma nova representação dos destituídos – sobretudo os velhos – e a criação de novos géneros “dramáticos” que, de tão esvaziados de palavras e de comunicação, mereceram do próprio autor o nome de “sopros”, “dramáticulos”, “vírgulas dramáticas” ou “micropeças”. Foi, até à sua morte (1989), fiel a uma experimentação cada vez mais desnaturalizadora – discípulo directo que é de Gertrude Stein ou de James Joyce (Irlanda, 1882-1941) –, o que o obrigou a ser, várias vezes, o próprio encenador ou realizador das suas obras para teatro, para rádio, para televisão e cinema.

O autor irlandês, na primeira fase de afirmação (1953-1969), à qual pertencem as peças que mencionarei seguidamente, esvaziou, antes de mais, os conceitos de personagem, de lugar e de tempo. Transformou as indicações de cena (didascálias) em texto principal, as luzes em personagens e testou a permeabilidade das fronteiras entre o teatro, a televisão e o cinema, as linguagens «do movimento e do estatismo, do som e do silêncio, dos figurinos e da cenografia, do gesto e, acima de tudo, da iluminação»¹. Para a rádio, inventou “paisagens sonoras” e, vejam bem!, personagens mudas.

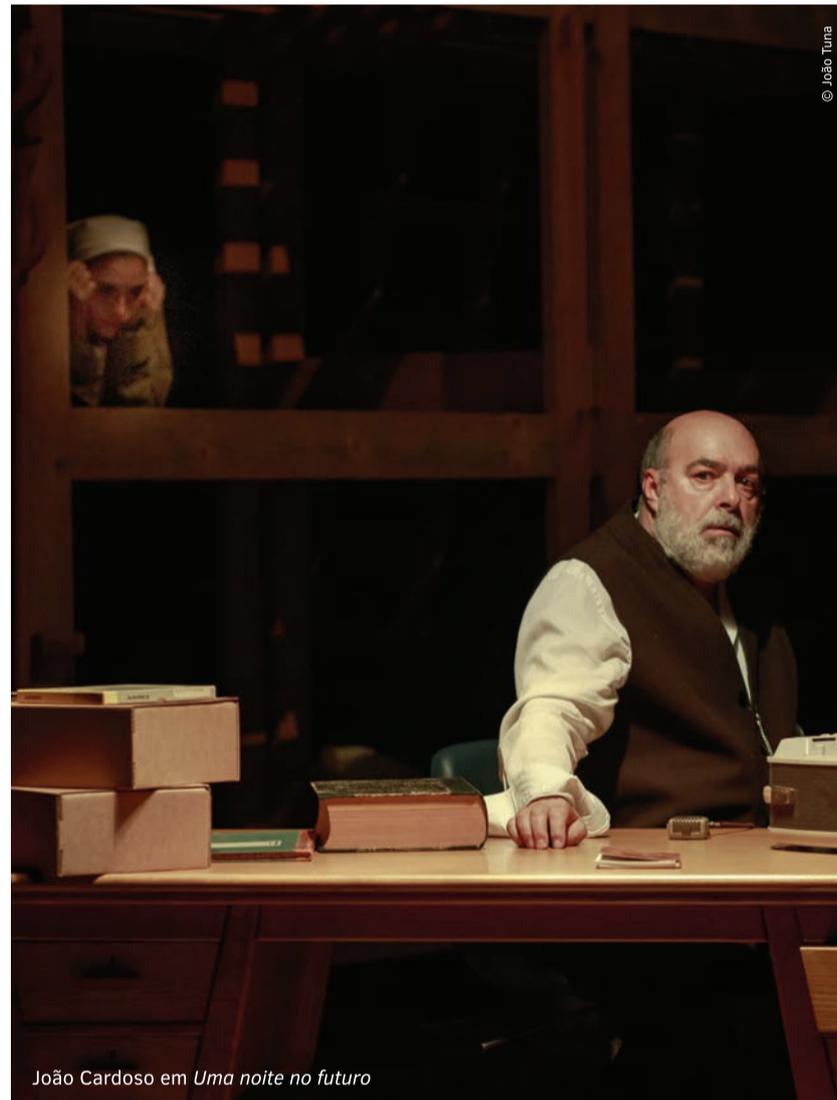
2. No Ciclo Beckett da CTA, que é, na verdade, uma autêntica reflexão filosófica sobre o envelhecimento, a senilidade, o cancro, o mecanismo social da linguagem, a perda de identidade e a perda de relação com o mundo de que é responsável a memória (e a família!), encontramos dois textos muito famosos: *A Última Gravação de Krapp* (1958), incluída, com tradução de Francisco Luis Parreira, na criação de Nuno Carinhas, e *Lindos Dias* (1961), traduzida, apropriadamente (vejam o metrónimo!), pelo músico João-Paulo Esteves da Silva, reposição de uma encenação recente de Sandra Faleiro no Teatro São Luiz.

Também sobre os estragos produzidos pela passagem do tempo e as armadilhas de uma memória traiçoeira que se perde com a idade, é *Velha Toada/The Old Tune* (1963), incluída igualmente no espectáculo do Teatro Nacional São João. Esta é uma curta peça rescrita e “irlandisada” por Beckett a partir de um original radiofónico de Robert Pinget (1919-1995), pintor e escritor experimentalista francês (um autor do “nouveau roman”), de origem suíça, intitulada *La Manivelle/A Manivela* (1960).

Estas peças de Beckett foram pensadas para actores e atrizes com marcas da vida vivida. Não são textos directamente autobiográficos mas auto-referenciais. A observação e o interesse, quase clínico, com que se analisava e aos outros, permitiram ao autor traçar com veemência uma realidade que ninguém desejava que fosse mostrada na cena teatral: o trabalho inexorável do tempo.

Do fim e do princípio

Texto de Eugénia Vasques – Investigadora e ensaísta. Professora Coordenadora jubilada da Escola Superior de Teatro e Cinema



João Cardoso em *Uma noite no futuro*

A Companhia de Teatro de Almada programou para Fevereiro de 2019 um Ciclo Beckett. A 2 e 3 o Teatro Nacional S. João apresenta na Sala Principal *Uma noite no futuro*, com encenação de Nuno Carinhas. A Sala Experimental recebe a 15 e 16 *Lindos dias!*, encenada por Sandra Faleiro, e a 23 e 24 *À espera de Beckett ou quaquaquava*, uma re-visitação de Jorge Loureiro das três encenações feitas por Ribeirinho de *À espera de Godot*.

Eugénia Vasques percorreu as grandes linhas e razões beckettianas que transformaram para sempre o teatro e explicam o lugar de Samuel Beckett na galeria dos grandes criadores teatrais do nosso tempo.

À ESPERA
DE BECKETT →
OU QUA QUA
QUA QUA

À ESPERA DE BECKETT OU QUAQUA QUAQUA



A 23 e 24 de Fevereiro, o TMJB apresenta na Sala Experimental *À espera de Beckett – ou quaquaquaqu*, com texto e encenação de Jorge Loureiro Figueira. Trata-se de uma homenagem a Ribeiro, proeminente figura do teatro português do século XX, sob a forma de uma revisitação às suas três encenações de *À espera de Godot* (1952). A primeira foi em Abril de 1959, pelo Teatro Nacional Popular, com estreia no Teatro da Trindade. A segunda foi em Março de 1969, novamente para o Teatro Nacional Popular, no ano em que Beckett recebeu o Prémio Nobel da Literatura e se refugiou no Hotel Cidadela, em Cascais. E a terceira foi em 1973, com uma companhia itinerante, apresentando a peça em Angola a colonos e militares.

«No que respeita ao público, a estreia [...] no Trindade gerou uma reacção exaltada e diversa, produzindo em simultâneo uma forte pateada e um entusiástico aplauso. Praticamente todos os críticos se congratularam com tais reacções, satisfeitos por observarem que o teatro podia (voltar a) agitar as plateias e a acender a discussão.» Ana Patrão, *Francisco Ribeiro: Determinação e Circunstância. Cenas de um percurso de teatro (1936-1960)*.

De 9 a 27 de Janeiro *O feio* volta à Sala Experimental do TMJB para mostrar a que ponto é possível revermo-nos na actual sociedade global dos lindos das *selfies*, que constrói hoje um modelo de aparência, para amanhã – quando a singularidade, e depois a massificação, lhe retirarem rentabilidade – o destruir.

A quantidade de meios digitais que são usados para captar e espalhar a imagem de cada um é tão grande que o mito de Narciso parece hoje em dia uma fábula inocente. No nosso tempo, os cuidados pessoais são um imperativo cosmético universal. Ver-se ao espelho, arranjar a figura, compor o cabelo, tornaram-se desde há muito actos ao mesmo tempo involuntários e obrigatórios. Mas, actualmente, são actos de sobrevivência. Afinal, a todo o momento podemos ser fixados num retrato. É melhor ficar bem na fotografia. Cada reflexo nos milhões de espelhos que circulam dá mais um ponto, mais um *gosto*, mais um crédito, mais uma vida. Se os imperadores de outrora cunhavam as moedas com as suas caras, hoje em dia qualquer um é soberano que chegue para cunhar a própria moeda, emitida no formato de publicações e fotografias, *selfies* e *stories*, artefactos usados como meio de troca, aceite por todos, seja no trabalho, seja no amor. Tem maior valor quem mais cuidar do visual.

A imagem de si pode ser aperfeiçoada, conforme os gostos da época, não só pela manipulação dessa imagem gravada num superfície externa ao corpo, mas também pela manipulação da pele da própria pessoa, graças às maravilhas da medicina plástica. Aperfeiçoada para vender mais, ter muita saída, sair bem. *Botox*, silicone, ácido hialurónico, é à escolha do freguês. Daí o paradoxo: um rosto perfeito será imitado, copiado, posto à venda, tudo menos único. Esse é o preço da perfeição. O dramaturgo Marius von Mayenburg inventou uma fábula para os tempos modernos que dá conta deste estado de coisas. É melhor sermos feios, cada um à sua maneira, ou lindos, mas iguais? Uma pessoa prefere ser quem é ou o que os outros quiserem? E se a pessoa não puder escolher? Estas ideias foram condensadas pelo dramaturgo numa fábula certeira. *O feio* mostra um mito perfeito para a nossa era.

O encenador Toni Cafiero materializou o mito de Mayenburg num jogo teatral em que os disfarces e as imposturas são matéria de diversão, para gáudio dos espectadores. As caras, os gestos e as vozes dos actores dão vida a figuras que expõem ao ridículo esta condição desumana: somos narcisos electrónicos, obcecados com a imagem digital do nosso corpo, antecipando o efeito da pose no enquadramento. Nas telas, seguimos o exemplo dos videoclips e dos *blockbusters*, apesar de serem eles os transmissores oficiais dos ideais de beleza que padronizam os rostos de todos. A cultura popular trata as beldades da música *pop* e do cinema comercial como sendo realmente figuras únicas, quando na verdade, a partir de certa distância, elas são praticamente todas iguais entre si. O que distingue uns actores dos outros e umas cantoras de outras é a feiura particular, não a beleza geral. A encenação mostra como os ideais de beleza, levados à letra, servem para fabricar, empacotar e comercializar pessoas no mercado cultural, como se fossem meras imagens superficiais.

É bonito ser feio?

Texto de Jorge Loureiro Figueira



Entre as palavras e as coisas



© Jean-Guy Lecat, primeiros esboços cenográficos de *Fenda*

António Guerreiro leu *Fenda*, o texto que assinala o regresso de Rodrigo Francisco à escrita para teatro, e viu nele a nossa época. *Fenda*, com encenação pelo seu autor, é uma criação da CTA que estreia a 15 de Março e fica na Sala Principal do TMJB até 7 de Abril.

O título lacónico e metafórico desta peça abre para um horizonte de possibilidades que se mantém indefinido até um momento avançado do desenvolvimento da história, que ora gira em torno de contingências e dramas profissionais muito típicos do nosso tempo, ora se inclina para o lado mais íntimo das relações amorosas e familiares. Essa hesitação prolongada corresponde também a uma estrutura e a uma intriga híbridas, em que se passa naturalmente, sem perda de verosimilhança nem hiatos artificiais, do drama para a comédia e desta para a tragédia. Podemos reconhecer elementos trágicos, que aludem claramente à tragédia clássica, na cena do reconhecimento (neste caso, um pseudo-reconhecimento ou, melhor dizendo, uma forte suspeita de reconhecimento) que vai ditar um desfecho que também acaba por ser um pseudo-desfecho porque a peça continua com uma cena final que nos faz regressar ao mundo pragmático da nossa banalidade quotidiana, onde já não heróis nem acções trágicas nem um destino inexorável. Desde o início que se vão configurando estas duplicidades, estas brechas entre dois mundos que deveriam estar em continuidade.

Esta peça desenvolve uma história carregada de elementos que fazem parte da configuração da nossa época: mulheres autónomas e com grande sucesso profissional, homens jovens, instáveis e sem rumo, relações amorosas desinibidas entre mulheres, relações familiares dissolvidas ou à beira da quebra, conflitos geracionais, um ambiente profissional do jornalismo e da televisão, onde há uma hegemonia dos códigos da representação. O cruzamento da vida profissional da protagonista (Catarina), que a obriga a uma grande exposição pública, com a vida privada revela grandes falhas e uma descontinuidade dolorosa, problemática, entre o mundo das imagens e o mundo real. A fenda de que fala o título, tendo embora uma significação mais ampla, reside também aqui. Há uma situação epocal, uma configuração do nosso tempo, que se desenha nos diálogos das personagens: o tempo das migrações clandestinas e sujeitas aos maiores riscos, dos estrangeiros indesejados, das empresas de comunicação social ao serviço de obscuros objectivos, do triunfo do “mediático”. Essa inscrição histórico-temporal é uma das marcas fortes desta peça, que consegue, sem demagogias, integrar essa dimensão no universo íntimo, privado, das personagens.

Escassa é a didascália, nesta peça. Podemos explicá-la, dizendo que em cada cena o centro de incidência está muito mais na eloquência e no desenvolvimentos dos diálogos do que numa acção implicando fortemente um cenário e uma dramaturgia dos gestos e dos movimentos. Esta peça é um texto e serve um teatro de texto. De resto, a linguagem é um dos temas dela, de modo às vezes explícito, outras vezes implícito. Há a questão da linguagem como “fraseologia”, isto é, como matéria sujeita a corrupção e alienação pelo jornalismo e por toda a máquina mediática; e há a linguagem da sociabilidade e da comunicação intersubjectiva, das relações profissionais, de amor, de conflito, de familiaridade. A linguagem é um centro de atracção das tensões, e há momentos em que ela se torna auto-reflexiva, muito consciente de si, porque é de certo modo nas palavras que tudo se passa. O espectador é assim convidado a um exercício de “legibilidade”, de atenção ao que na peça é incidência sobre a própria linguagem. Porque a fenda é também aquela que se abre entre as palavras e as coisas.

PERPLEXOS
para todas as
perplexidades

Texto a texto, o alemão Marius von Mayenburg tem conquistado Almada. Depois de *O feio* (com encenação de Toni Cafiero) e de *Mártir* (encenado por Rodrigo Francisco), chega *Perplexos*, a 18 de Maio, na Sala Principal.

Marius von Mayenburg sugeriu no texto de *Perplexos* que as personagens tivessem o nome dos actores, mas, muitas vezes, quando um actor sai de cena volta com uma nova personagem, apesar de manter o seu nome. A realidade parece estar constantemente a ser reformulada, e, como se não bastasse, são as próprias situações em cena que, por vezes, raiam o absurdo. Afinal o que é que é real? A perplexidade instala-se. O amor, as férias, os filhos, as empregadas domésticas, Darwin e a lei do mais forte, a sombra nazi, um baile de máscaras, ou a clássica troca de casais, estão presentes nesta espécie de comédia de costumes, assombrada por Pirandello.



Romance da Raposa, 19 e 20 de Janeiro



Em busca do planalto perdido, 2 e 3 de Fevereiro



Os gatos, 2, 3 e 5 de Março

Entre o início de Janeiro e o final de Junho de 2019, o TMJB tem 10 espectáculos para a infância e para a juventude, o que por si só constituiria um bom conjunto de razões para levar os seus filhos, netos, sobrinhos, afilhados, amigos dos seus filhos e netos, filhos e netos dos seus amigos e etc., e etc., ao teatro. Mas há outras nove razões. Tudo somado dá 10.

1 O teatro convoca-os para o lugar mental do espanto, resgatando-os momentaneamente das rotinas do quotidiano, percorrendo com eles (dentro da cabeça) caminhos que ficam a léguas do que o dia-a-dia lhes impõe, proporcionando-lhes visões e sensações de que eles precisam: mundos e emoções a que só a imaginação pode dar forma, tornando mais rico o seu mundo interior e educando para a sensibilidade.

5 O teatro favorece o espírito empático, isto é, a capacidade de compreender os outros seres vivos, mostrando que a inteligência também é emocional e não apenas racional. No teatro podem identificar-se com as personagens, entendendo os seus comportamentos e as suas reacções, independentemente dos julgamentos que por vezes são tentados a fazer sobre as situações. O teatro é por excelência um lugar de empatia, onde podem rir muito ou chorar um bocadinho sobre a sorte das personagens em cena, intuindo que há nelas coisas que são também deles (ou então parecidas).

2 O teatro é uma arte viva, que acontece de forma única a cada representação (como a vida, sempre singular, de cada pessoa), dependendo de um conjunto de factores e elementos sem os quais o teatro não aconteceria (reparem no verbo *acontecer*, que alia a ideia de acção à ideia de circunstância incerta): o estado anímico dos artistas, dos técnicos e também do público no dia e na hora da representação. Se alguém estiver com falta de sono, por exemplo, muitas coisas podem não acontecer ou correr mal (público que adormece, actores que de repente se esquecem do que andaram a repetir e a aperfeiçoar durante muito tempo e outros problemas).

O teatro é uma arte vivas que estão ali a ir dar-lhes um abraço, se não tiverem, te nos espectáculos também podem ser proporcionando o calor, ma em sala, no seu tuais, nos seus écrãs e fazendo com que r que decorre entre o

Dez razões para levar o

7 O teatro estimula a curiosidade, a criatividade e o engenho, constituindo uma montra de várias artes e ofícios – pois o teatro é uma arte plural, que precisa de vários saberes. Ver teatro dá por vezes vontade de fazer teatro (ou dança, ou música, ou adereços, ou roupas, ou textos, desenhos ou maquetes de tudo isso) ou de ir aprender coisas sobre teatro (ou sobre dança, ou sobre música, ou sobre ópera, ou sobre luz de cena). O que se passa num palco de teatro é por si só uma exposição de processos em que muitas pessoas pensaram e intervieram, podendo gerar uma grande fome (ou uma grande sede) de fazer o mesmo – ou então de fazer algo totalmente diferente!

O teatro é vida a com que requer dade de co sempre difi todas no t lado, que e que susten artística e t tos têm a m nhando toc tes valores espectáculo pena fazer ter algo va

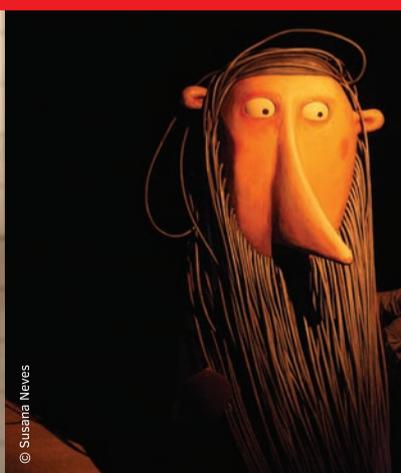
O fantasma das melancias, 13 e 14 de Abril



Verdi que te quero Verdi, 27 e 28 de Abril



Pelos cabelos, 11 e 12 de Maio





O Barbeiro de Sevilha, 16 e 17 de Março

O autómato, 30 e 31 de Março

...e real e não virtual, realizada por pes-
...à nossa frente (se quisermos podemos
...ço – mas também pode ser um tomate
...nos gostado, como se fazia antigamen-
...de rua – ou oferecer-lhes flores – mas
...chocolates – no final do espectáculo),
...contacto e a interacção (algo que o cine-
...écrã muito grande, e que os jogos vir-
...s mais pequenos, não podem oferecer),
...ninguém esteja sozinho durante o tempo
...início e o fim da representação teatral.

3

**O teatro mostra coisas em que por vezes ain-
da não tinham reparado**, sendo sempre uma
espécie de espelho em que se podem ver en-
quanto seres humanos. No teatro podem ficar
a conhecer coisas sobre si mesmos e sobre os
outros – mas também factos históricos e ou-
tros ensinamentos. O teatro faz isso tudo de
modo sempre original, e fá-lo também com
naturalidade, sem precisar de ter em cena um
professor nem de fazer do público um grupo de
alunos. No teatro de arte não se fazem testes
de avaliação nem se dão lições de moral.

4

O teatro encoraja o pensamento crítico, ou seja,
convida-os a pensar nas coisas de um outro
modo – por vezes de um modo que nunca lhes
tinha ainda passado pela cabeça! –, contribuín-
do para que não aceitem como válida nenhuma
ideia sem primeiro pensarem nela muito bem,
de vários pontos de vista, ouvindo os outros,
conversando com eles, dialogando e participan-
do na vida comum. O teatro mostra que nada
é incontestável nem evidente, que tudo merece
ser pensado, que, por exemplo, a autoridade de
alguém ou de alguém só é legítima se for conqui-
stada por razões e com objectivos nobres.

5

Os mais novos ao teatro

Texto de Sarah Adamopoulos

uma arte do colectivo, que con-
struir em conjunto com os outros,
sentido de fraternidade e capaci-
dade de convivência entre pessoas (que são
diferentes, mesmo quando trabalham
no teatro). O teatro mostra, por outro
lado, que é necessário respeito pelas regras
da criação teatral: a hierarquia
técnica, pois nem todos os elemen-
tos têm a mesma responsabilidade, desempe-
nham papéis diferentes, com diferen-
ças no processo de construção de um
espectáculo. Ver teatro demonstra que vale a
pena fazer as coisas juntos, e que todos podem
contribuir para dar a um espectáculo.

6

O teatro é uma arte para todas as idades, mesmo
quando por vezes as palavras que são ditas em cena
parecem à primeira vista complicadas, ou quando
há algumas que nem todos podem conhecer (por
pertencerem a vocabulários específicos, ou erudi-
tos, ou antigos, ou então por serem inventadas), ou
que há partes da acção teatral que estão omissas,
ou apenas sugeridas. A arte precisa de recorrer à
metáfora, senão tudo seria muito descritivo e/ou au-
to-explicativo. Ou então os espectáculos seriam tão
longos que ninguém aguentava assistir do princípio
ao fim sem tirar uma soneca (ou *passar pelas bra-
sas*, ou *ferrar o galho*, ou *ir amassar a palha*).

9

**O TMJB tem 10 espectáculos para os mais novos
entre Janeiro e Junho de 2019.** Um é sobre uma
raposa, a mãe dela, um texugo e um lobo, tudo
contado por um corvo. Outro é só sobre abutres.
Outro é só sobre gatos. Outro é com cantores de
ópera que são marionetas e actores que são os
técnicos do teatro. Outro tem três histórias e uma
delas é sobre um ladrão de melancias. Outro é so-
bre a vida e a obra de um compositor que não era
verde mas se chamava Verdi. Outro é sobre uma
espécie de robô que se torna a estrela de uma
companhia de circo. Outro é sobre alguém que
queria muito ter muito dinheiro para gastar. Outro
é sobre um lugar maluco que pode ser um qual-
quer e onde tudo tem muito cabelo, incluindo as
nuvens. E o último espectáculo deste semestre é
inspirado nos bichos das fábulas de La Fontaine.

10

O mandarim, 21 a 26 de Maio

Dona Raposa e outros animais, 1 de Junho



Infinita

Ascensão e queda do pequeno homem finito



***Infinita*, um espectáculo sem palavras, infinitamente tragicómico, sobre a metamorfose da biologia humana, põe em cena, iluminando-os com recortes de luz muito especiais, os “milagres” muito naturais dos extremos da vida. Na Sala Principal do TMJB a 25 de Janeiro – imperdível.**

No teatro da Antiguidade, a máscara revelava o que o rosto escondia, criando um distanciamento – uma intermediação – entre os mitos e a sua representação. No actual teatro contemporâneo a máscara serve para a mesma coisa, fazendo desaparecer o actor para que a personagem resplandeça em toda a sua dimensão simbólica. Sobretudo se o tema é, sem subterfúgios, nem visões parcelares, nem texto de cena, como é o caso, a sempiterna comédia da existência humana.

Sem nomes próprios nem apelidos, as personagens representam cada ser humano – são-nos, a todos. Com gestos largos e certos dos troncos e membros, a máscara que esconde o rosto do actor amplifica a humanidade das personagens: não há como fugir, ali estamos nós, tão humanos e tão parvos, tão humanos e tão comoventes, tão humanos e tão cruéis, tão humanos e tão vaidosos, tão humanos e tão medrosos, tão humanos e tão insignificantes, tão humanos e tão engenhosos, e, sobretudo, tão humanos e tão cómicos.

Teatro físico de grande ciência e maior arte

Na ausência de palavras, «o grande orador é o corpo». Mas, para quem assiste a *Infinita*, o corpo está cheio de palavras, é em si mesmo um discurso: monólogos e diálogos que dizem o que talvez preferíssemos não ouvir.

A companhia Familie Flöz é pioneira no chamado teatro físico, encabeçando «um movimento de vanguarda alemão que vai beber a Pina Bausch e às suas múltiplas sínteses corporais». Máscara, gesto, música, sombras, técnica *clown* e improvisação aliam-se a «uma melancolia irónica», a uma poética e a «uma perspectiva desconcertante da vida» – tanto mais incómoda quanto mais nos posicionarmos do lado dos humanos imortais, que a era da técnica que sucedeu ao advento do positivismo tornou de certa forma eternos.

E, no entanto, há muito racionalismo lógico neste espectáculo, que constitui uma espécie de demonstração pós-observação e verificação – princípio que funda toda a ciência – do osso da vida humana. Mas é de teatro que falamos, e portanto a ciência aqui é também a das artes a partir das quais se constrói um grande espectáculo de palco.

Nascer, crescer, envelhecer, morrer

Infinita é «sobre os primeiros e os últimos instantes da vida; sobre o nascimento e sobre a morte; sobre os momentos em que os grandes milagres acontecem; a tímida entrada no Mundo; os primeiros passos, corajosos; a descoberta do sexo, do amor, da dor e da “inevitável queda final”. *Infinita* procura decompor a vida, dividindo-a em mil pedaços e reformulando-a depois, num mosaico feito tanto dos pequenos gestos quotidianos como dos grandes cometimentos a que atribuímos as escolhas mais importantes, e a que comumente chamamos *destino*.»

Entre «uma cara de enterro» e uma gargalhada, *Infinita* leva-nos a passear pela vasta paleta de emoções da tragicomédia que expõe: a nossa, pois. «Não há grande *glamour* nos temas da velhice e da morte, mas neste espectáculo ambos surgem imbuídos de tal intensidade e lucidez, de tal sentido do burlesco», que acabam por ganhar novas formas. «Ousar esta temática – numa sociedade na qual “o fim da vida”, como lhe chamamos, é completamente posto de lado – é um verdadeiro acto de coragem.»

«Da infância à morte, do parque infantil ao caixão, a acção de *Infinita* oferece-nos uma visão panorâmica da travessia da vida, reduzindo-a ao seu esqueleto emocional, ao amor e à morte, nas duas caras da mesma moeda. Quer se trate da criança que está a aprender a andar, ou do velhote que tremelica, *Infinita* não nos poupa a nada: desde o andarilho à cadeira de rodas, sem jamais esquecer a libido. Enfrenta quaisquer que sejam as relações de poder ou temas delicados – os sexuais, em particular. Algumas cenas são inesquecíveis, pela forma cuidada e inventiva com que foram construídas.»

Um espectáculo de grande originalidade, que «provoca o riso através de cenas que à primeira vista são trágicas, ou mesmo feias. Tudo é metido no mesmo saco: o da crueza da vida, que não poupa nada nem ninguém.»

Sarah Adamopoulos com Rodrigo Francisco a partir das recensões críticas de Javier Vallejo (*El País*, 05/11/11), Laura Valente (*La Repubblica*, 13/02/13) e Rosita Boisseau (*Le Monde*, 02/04/14).

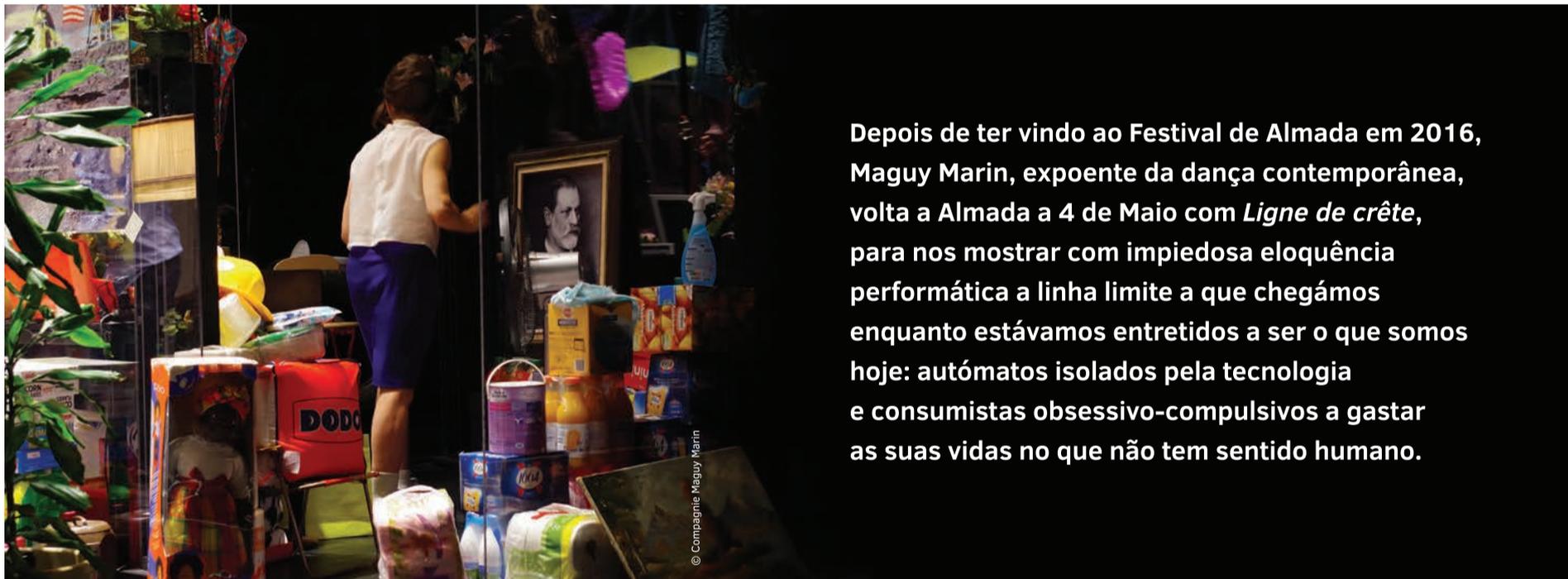
LIGNE DE CRÊTE

Passinhos mecânicos

«Com *Ligne de crête*, Maguy Marin oferece-nos uma perspectiva assombrosa dos trabalhadores de colarinho branco nos seus escritórios “estilizados”. A primeira imagem é um choque. Sem dúvida devido à música de Charlie Aubry (que já tinha colaborado com a coreógrafa nos seus dois últimos espectáculos), cuja pulsação repetitiva, inspirada na cadência metálica de uma fotocopiadora, só é interrompida no final do espectáculo. O cenário é revelado através de *flashes* luminosos: trata-se de um labirinto com divisórias transparentes, onde foram enfiadas secretárias. Surge uma silhueta feminina de peruca loira e saia-casaco laranja choque, às voltas, agarrada ao telemóvel. A seguir aparecem cinco comparsas, todos com os mesmos figurinos rectilíneos, em passinhos mecânicos, também eles com o telemóvel colado à orelha. Andam de um lado para o outro, falam com quem está longe, e não ligam nenhuma a quem está ali ao pé. Estão sempre com a cabeça noutro lugar, e não no “aqui e agora”. Vejam bem como vocês são, dizem-nos Maguy Marin e o seu grupo de bailarinos indefectíveis.

Depois acontece o frenesi próprio das mudanças. Todos se tornam colecionadores compulsivos. Transportam e amontoam coisas de forma decidida. É um florilégio desmesurado: de pequenos artigos de escritório anódinos (lâmpadas, papéis, *dossiers*, plantas), a pares de sapatos, roupa, peluches, piões, bóias, ou até a estátua de Buda. Existe também uma série de retratos arrumados como num velho sótão (Marx, Freud, ou Keynes, representando os teóricos que moldaram o nosso século XX). Este *ballet*-instalação, no qual o gesto é reduzido à sua mais ínfima expressão, descreve a nova forma de ser destes indivíduos devorados pelo anonimato. Como se o consumismo desmesurado constituísse uma forma de recriar um espaço próprio bem real. As embalagens de água e de cerveja, e os rolos de papel higiénico e de toalhetes surgem neste caso como os acessórios do conforto absoluto! Um gesto em suspenso, uma corrida que se detém. Há momentos furtivos – e surpreendentes –, como correntes de ar, que indiciam ausências. Diz-se tudo, com muito pouco.» [Emanuelle Bouchez (*Télérama*, Set. 2018), tradução de Rodrigo Francisco]

Maguy Marin, coreógrafa obstinada



Depois de ter vindo ao Festival de Almada em 2016, Maguy Marin, expoente da dança contemporânea, volta a Almada a 4 de Maio com *Ligne de crête*, para nos mostrar com impiedosa eloquência performática a linha limite a que chegámos enquanto estávamos entretidos a ser o que somos hoje: autómatos isolados pela tecnologia e consumistas obsessivo-compulsivos a gastar as suas vidas no que não tem sentido humano.

Como é que preparou este espectáculo? Li sobretudo os livros de Frédéric Lordon – que é um economista, um filósofo bastante espinosista –, bem como outras obras sobre a política industrial. E dei-me conta de que os governos negam o direito ao trabalho dos cidadãos nos seus próprios países. Vai-se à procura de meios de produção onde são mais baratos. Vendem-se bens de consumo bastante caros, mas que utilizam mão-de-obra muito mal paga.

Aquilo que também denuncia é a acumulação de objectos inúteis no nosso quotidiano.

“Onde é que estão os anseios das pessoas?”, é a pergunta que faz Frédéric Lordon. O que ele diz é que nós somos levados a nunca estar satisfeitos. Quando temos uma coisa, deita-

mo-la fora e passamos logo a querer ter outra. É uma espécie de bulimia. É por isso que nesta peça as pessoas comem bastante. Compensamo-nos com objectos; consolamo-nos dessa forma com a nossa condição humana.

Acha que teria criado esta peça da mesma forma há dez anos atrás?

Não, porque esse desejo de consumismo é novo, mesmo que tenha começado nos anos 60, com a chegada da publicidade, ainda que de forma inócua. Hoje em dia vivemos num estado de loucura furiosa. Já está previsto à partida que os objectos se tornem obsoletos a curto prazo, para que possamos consumir logo outros. Já não se fazem reparações: é tudo deitado fora.

Quando percebemos que o ruído ensurdecido das máquinas se mantém na

sua peça até ao fim, pensamos connosco próprios que a sua proposta sonda os nossos limites...

Tenho tendência para ficar obcecada com algumas coisas, e para achar que é preciso escavar num determinado lugar, por vezes até ao aborrecimento: quando se é artista não se pode buscar o mero entretenimento.

Actualmente não há muitos espectáculos de dança que tenham um engajamento político tão declarado como o seu. Vê-se que as suas preocupações mergulham completamente na realidade quotidiana. Poder-se-á falar de uma reviravolta no seu trajecto artístico?

Não consigo fazer de outra forma. É uma decisão que tomei [...] quando criei *Deux mille dix-sept*. Quando se olha para o estado em que o planeta está, as pessoas que morrem no Me-

diterrâneo, a forma como nos protegemos e não somos solidários com os migrantes – é uma situação catastrófica. E a máquina neoliberal continua a sua marcha.

Depreende-se que para si, actualmente, ser coreógrafa é indissociável do engajamento político?

Sempre assim foi. Um artista devolve aquilo que a sociedade lhe dá.

O que é que gostaria que o público retivesse de *Ligne de crête*?

Que consumam de forma diferente. Que pensem nos outros: naqueles que não têm o suficiente para viver, que não têm um tecto, que não têm o que comer, que não têm roupa.

[Stéphane Capron (www.sceneweb.fr, Set. 2018), tradução de Rodrigo Francisco]



© Fredrique

Brevíssima história de um percurso musical que começou em Luanda e acabou no Rio de Janeiro, passando por Lisboa, Barcelona, Madrid, Santiago de Compostela e a ilha escocesa de Jura. Uma viagem que prossegue, depois de *Dentro da chuva*, registo delicado e intimista em que cabe um tema do enorme Serge Gainsbourg. Na Sala Principal do TMJB a 19 de Janeiro.

Texto de **Gonçalo Frota**

ALINE FRAZÃO

Olhos nos olhos

Aline Frazão voltou a Luanda no final de 2016. Depois de dez anos a viver em Lisboa, para onde se mudou enquanto estudante, e em Barcelona, Madrid e Santiago de Compostela. Nesse período, foi deixando que a delicadeza das suas canções fosse conquistando cada vez mais espaço e mais ouvidos, foi alargando as referências que trazia e cruzando cada vez mais a sua natureza angolana com ecos brasileiros, cabo-verdianos e portugueses. E foi desse caldo cada vez mais rico que nasceram *Clave Bantu* (2011) e *Movimento* (2013), os dois álbuns que lhe garantiram uma muito merecida atenção entre os autores de canções a criar em Portugal. Já então, ao desvelar um cuidado muito particular com a palavra, surgia a cantar letras assinadas por escritores como José Eduardo Agualusa e Ondjaki.

Em 2015, apostada em abanar a essência das suas canções, Aline Frazão rumou até à ilha escocesa de Jura, pequeno território famoso sobretudo por ter acolhido o escritor George Orwell enquanto este imaginava a obra-prima *1984*. Foi lá que o produtor inglês Giles Perring ajudou Aline a dar forma a *Insular*, amparada pela guitarra eléctrica de Pedro Geraldês (membro dos Linda Martini), instrumento que agitava e coloria com um outro nervo as suas palavras e a candura das suas composições. Geraldês ajudava também a compor o cenário mais melancólico e contemplativo que habitava *Insular*.

De regresso a Luanda, Aline Frazão criou um novo conjunto de canções na sua casa nova. E foi aí, nesse lugar de intimidade, que deu forma a este álbum menos adornado, quase resumido à relação entre voz e guitarra acústica. De certa forma, a cantora que durante alguns anos foi fazendo ouvir a sua voz crítica do ambiente político-social do país com crónicas semanais no jornal *Rede Angola*, reencontrou uma paz de que precisava alimentar-se. E que se prestava de forma muito especial a um registo desprotegido que era o mesmo que vinha experimentando em concerto a solo, com o público próximo, olhos nos olhos.

Gravado no Rio de Janeiro por Gabriel Muzak, *Dentro da Chuva* é tão inspirado pela literatura de Ruy Duarte de Carvalho quanto atravessado pelo legado de Serge Gainsbourg (de quem canta *Ces Petits Riens*) e visitado pelo violoncelo de Jaques Morelenbaum; é um álbum em que o tom íntimo e doce tanto remete para uma felicidade calma quanto esconde um desconforto nervoso. É, talvez, apenas um novo lugar a partir do qual Aline Frazão olha e decifra o Mundo, sabendo que, muitas vezes, a forma mais eficaz de fazer escutar a voz num mundo tão saturado de sons é cantar cada palavra baixinho.



© Mária Lessa

A música, seja ela popular ou erudita, tem um lugar de honra na programação e na **Sala Principal** do **TMJB** A 20 de Abril, a **Camerata Atlântica** apresenta-se para um Concerto de Páscoa cujo alinhamento musical inclui as obras de J. Pachelbel *Canon em Ré maior*, partes da monumental oratória *Paixão segundo S. Mateus*, de J. S. Bach, e ainda *Stabat Mater*, de G. B. Pergolesi. O grande concerto pascal de Almada terá direcção de Ana Beatriz Manzanilla. A 11 de Maio, **Fernando Tordo** canta José Carlos Ary dos Santos e revisita algumas das mais belas canções que criou com o poeta cujas palavras mudaram para sempre as cantigas de Portugal, até então confinadas ao chamado Nacional-cançonetismo.



© Rita Carmo

MANEL CRUZ

Um homem e as suas canções

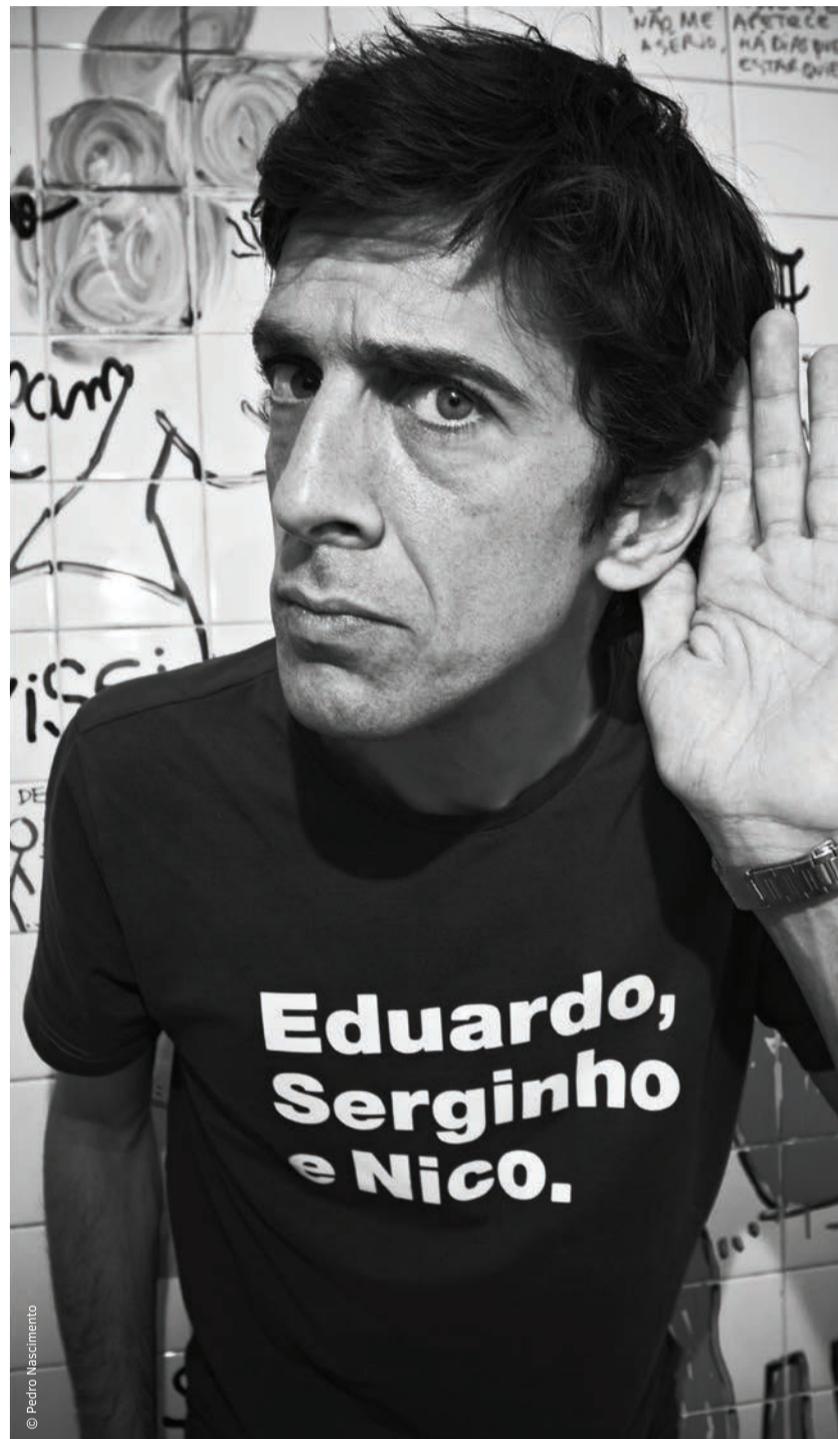
Na sua reportagem do Primavera Sound Porto de 2015, o jornalista norte-americano do *site* de referência *Pitchfork* destacou para a cobertura do festival dava conta do seu espanto perante a passagem pelo palco de um herói local chamado Manel Cruz. E qualificava o concerto como “hipnotizante”, vindo de alguém que, sem aparente esforço, tinha uma pequena multidão rendida a seus pés desde o primeiro acorde. Claro que Evan Minsker não poderia compreender o quanto Manel Cruz se tornou uma imprescindível referência do *rock* português enquanto vocalista e figura de proa dos Ornatos Violeta na recta final dos anos 90.

Quando os Ornatos Violeta travaram a fundo na sua carreira, no preciso momento em que arriscavam uma explosão de popularidade, Manel Cruz renunciou, precisamente, à ideia de carreira. E, antes que os compromissos e as obrigações vencessem a criatividade e a amizade que reinava no grupo, os cinco Ornatos decidiram arrumar a trouxa. Eles que viviam juntos numa mesma casa do Porto, separaram-se sem dramas no final do ano 2000. Na noite em que decidiram seguir caminhos diferentes, celebraram com uma garrafa de champanhe.

Figura esquiva, Manel Cruz dedicou os anos seguintes a bandas que nunca se permitiram crescer, gravando álbuns com os Pluto ou os Supernada, mas boicotando sempre uma continuidade que poderia trazer atrelada a assustadora palavra “sucesso”. E foi também, nesse mesmo período, dedicando-se à ilustração e à banda desenhada, outra das áreas que explora com a mesma discricção que aplica à criação musical.

Fez, assim, absoluto sentido quando, em 2008, libertou um álbum duplo intitulado *O Amor Dá-me Tesão / Não Fui Eu que Estraguei*, feito de canções acabadas e outras mal acabadas de parir, entre rascunhos e registos crus de ideias com ar de projecto caseiro. É ainda na sequência desse registo que Manel Cruz vem actuando ao vivo, naquilo que parece sempre uma súbita intromissão na sua sala de estar: em palco, os temas parecem ser animados pela mesma regra de serem tocados com os instrumentos e os parques (mas imaginativos) recursos que estão à sua mão e dos seus convidados.

Em 2018, prometendo pôr fim a uma muito prolongada espera por novo material, Manel Cruz lançou três temas: *Cães e Ossos*, *Beija-flor* e *Ainda Não Acabei* – primeiras espreitadelas furtivas para um álbum que há-de vir, pequenos acessos ao mundo de um criador pouco interessado em jogar o jogo da indústria musical. Porque sempre que nos vemos perante Manel lembramo-nos da razão mais pura para se fazer e escutar música. Sem intermediários nem *marketing* a criar barreiras. Apenas um homem, as suas canções e quem sabe a sorte que tem em poder escutá-las.



© Pedro Nascimento

Depois de ter passado pelo palco da esplanada da edição de 2018 do Festival de Almada, e de a ter enchido de público ávido de o ouvir, Manel Cruz regressa a Almada para um grande concerto a 13 de Abril, na Sala Principal do TMJB.



© Diana Tinoco

A 1 de Junho, pelo **Dia Mundial da Criança**, apresenta-se a **Orquestra Geração**, um projecto pedagógico de inclusão social através da música, lançado em Portugal em 2007 (com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian), e tendo já alcançado mais de mil alunos de escolas situadas em zonas com menor oportunidade de acesso ao ensino das artes, no âmbito de protocolos estabelecidos com os concelhos de Almada, Amadora, Coimbra, Lisboa, Loures, Oeiras, Sesimbra e Vila Franca de Xira. A **Orquestra Juvenil Geração (OJG)**, formação sinfónica que reúne cerca de 170 elementos, é a prova do crescimento do projecto e da sua capacidade para fazer a diferença em tantas vidas.

JANEIRO > JUNHO 2019

CORO JUVENIL DE LISBOA

Direcção musical de Nuno Margarido Lopes

04 JAN MÚSICA

CONCERTO DE ANO NOVO

Direcção musical de Jonathon Heyward
Produção: Orquestra Sinfónica Portuguesa

05 JAN MÚSICA

O FEIO

Texto de Marius von Mayenburg | Enc. de Toni Cafiero
Produção: Companhia de Teatro de Almada

09 a 27 JAN

ROMANCE DA RAPOSA

Adaptação do livro de Aquilino Ribeiro
Música de Alexandre Delgado | Enc. de Teresa Gafeira
Cenário e figurinos de António Lagarto
Produção: Companhia de Teatro de Almada

19 e 20 JAN TEATRO INFÂNCIA

ALINE FRAZÃO

19 JAN MÚSICA

INFINITA

De Björn Leese Benjamin Reber, Hajo Schülere Michael Vogel
Direcção de Hajo Schülere Michael Vogel
Produção: Familie Flöz

25 JAN

EM BUSCA DO PLANALTO PERDIDO

Texto original de Jorge Constante Pereira
Enc. de Raul Constante Pereira | Produção: Limite Zero

02 e 03 FEV TEATRO INFÂNCIA

UMA NOITE NO FUTURO

A partir de textos de Samuel Beckett e Gil Vicente
Enc. de Nuno Carinhas | Produção: Teatro Nacional São João

02 e 03 FEV

DO ALTO DA PONTE

Texto de Arthur Miller | Enc. de Jorge Silva Melo
Produção: Artistas Unidos

09 e 10 FEV

ZÉ MANEL TAXISTA

Textos de Maria João Cruz, Filipe Homem Fonseca,
Mário Botequilha e Rui Cardoso Martins
Encenação de António Pires | Produção: UAU

15 a 17 FEV

LINDOS DIAS!

Texto de Samuel Beckett | Enc. de Sandra Faleiro
Produção: Causas Comuns

15 e 16 FEV

À ESPERA DE BECKETT...

Texto e encenação de Jorge Loureiro

23 e 24 FEV

OS GATOS

A partir de T.S. Eliot | Encenação de Teresa Gafeira
Produção: Companhia de Teatro de Almada

02, 03 e 05 MAR TEATRO INFÂNCIA

A ANTIGA MULHER

Texto de Roland Schimmelpfennig | Enc. de Toni Cafiero
Produção: Companhia de Teatro de Braga

02 e 03 MAR

O HOMEM QUE ESTÁ SENTADO À PORTA...

Concepção de Élia Fernandes e Pedro Carvalho
Produção: Teatro Municipal da Guarda
e Ventos e Tempestades - Associação Cultural

09 MAR DANÇA

FENDA

Texto e encenação de Rodrigo Francisco
Produção: Companhia de Teatro de Almada

15 MAR a 07 ABR (CRIAÇÃO)

O BARBEIRO DE SEVILHA

A partir de Gioachino Rossini | Enc. de Teresa Gafeira
Produção: Companhia de Teatro de Almada

16 e 17 MAR TEATRO INFÂNCIA

O AUTÓMATO

A partir de Fernando de Paços | Enc. de Graeme Pulley
Produção: Centro Dramático Viana

30 e 31 MAR TEATRO INFÂNCIA

O FANTASMA DAS MELANCIAS

Textos de Claeysen, Espinæ Acuña
Encenação de Teresa Gafeira
Produção: Companhia de Teatro de Almada

13 e 14 ABR TEATRO INFÂNCIA

MANEL CRUZ

13 ABR MÚSICA

CONCERTO DE PÁScoa

Direcção musical de Ana Beatriz Manzanilla
Produção: Camerata Atlântica

20 ABR MÚSICA

A VIDA NO CAMPO

Texto de Joel Neto e Catarina Ferreira de Almeida
Enc. de Luisa Pinto | Produção: Narrativensaio-AC

26 e 27 ABR

VERDI QUE TE QUERO VERDI

A partir de Giuseppe Verdi | Enc. de Teresa Gafeira
Produção: Companhia de Teatro de Almada

27 e 28 ABR TEATRO INFÂNCIA

LIGNE DE CRÊTE

Concepção e coreografia de Maguy Marin
Produção: Compagnie Maguy Marin

04 MAI DANÇA

PELOS CABELOS

Textos de Edgard Fernandes, Isabel Barros
e Rui Queiroz de Matos | Encenação de Isabel Barros
Produção: Teatro de Marionetas do Porto

11 e 12 MAI TEATRO INFÂNCIA

FERNANDO TORDO

11 MAI MÚSICA

PERPLEXOS

Texto de Marius von Mayenburg
Enc. de Cristina Carvalhal | Produção: Causas Comuns

18 MAI

O MANDARIM

A partir do conto de Eça de Queiroz
Encenação de Teresa Gafeira
Produção: Companhia de Teatro de Almada

21 a 26 MAI

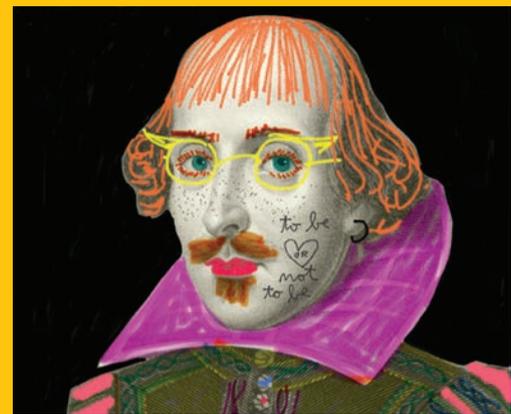
VICTOR HUGO PONTES + RUI LOPES GRAÇA

Produção: Companhia Nacional de Bailado

25 MAI DANÇA

ORQUESTRA GERAÇÃO

01 JUN MÚSICA



OFICINAS PARA A INFÂNCIA

Vários artistas e pedagogos foram convidados a criar oficinas para as crianças dos 5 aos 7 e dos 8 aos 11 anos de idade. Explorarão o teatro, o movimento, a música, a escrita ou as artes plásticas. As oficinas, com início marcado para as 15h00 e tendo uma duração de duas horas, destinam-se a crianças entre os 5 e os 7 anos (no caso do primeiro sábado de cada oficina) e entre os 8 e os 11 anos (no caso do segundo sábado de cada oficina). Consultar o Programa da Temporada 2019 do TMJB para informações mais detalhadas.

	MENU ALMOÇO - 6.50€
	prato do dia + bebida + café
	ALMOÇO CLUBE DE AMIGOS - 6€
	prato do dia + bebida + café
	MENU JANTAR - 10€
	pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café
	JANTAR CLUBE DE AMIGOS - 8€
	pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café
	MENU TEATRO - 15€
	Refeição Menu Jantar + Espectáculo CTA
ALMOÇOS: Terça a Domingo das 12h às 15h • JANTARES: Terça a Sábado das 19h às 21h30	

	Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes
	Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes
	Menu de refeição completa por 8€ e Menu Almoço por 6€ no Restaurante
	50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada
	20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada
	Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos
NOVO MEMBRO	RENOVAÇÃO ANUAL*
GERAL 45 €	GERAL 40 €
BENEMÉRITO mínimo 100 €	JOVEM (até 25 anos) 25 €
	SÉNIOR (maiores de 65 anos) 30 €
* Até um mês após o limite da validade	

	CONTABILIDADE GERAL E ANALÍTICA	
	IRS - IRC - IVA	
	DOCUMENTAÇÃO E SERVIÇOS	964288170 (geral) 926503777 (R.H)
	SEGUROS	T: 219830862
	CONSULTORIA FISCAL	Rua de Angola nº 9 Loja nº 2
	RECURSOS HUMANOS	2670-403 Loures

boas ideias causam melhor impressão

dplace

PUBLICIDADE EM VÁRIOS SUPORTES

RECLAMOS | MONTRAS | VIATURAS | LONAS | VINIL | DECORAÇÃO | IMP DIGITAL | IMP OFFSET
 CARTÕES | FLYERS | EMENTAS | EMBALAGENS | ETIQUETAS | TSHIRTS | SACOS | EVENTOS

216 086 996 | dplaceportugal